



“COMER O QUÊ?” COMIDA, SEXUALIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO

“EAT WHAT?” FOOD, SEXUALITY AND GENDER RELATIONS

Willian Kaizer de Oliveira¹

Resumo

A expressão comer na língua portuguesa tem significados polissômicos. Comer pode se referir a ingerir o alimento, mais no sentido cultural de degustar, de apreciar uma boa receita ou bom prato. E ainda, comer também se refere ao ato sexual. Neste sentido, comer tem sentidos muito mais abrangentes do que uma questão puramente fisiológica. Comer está carregado de sentidos, de intenções, de comportamentos, de desejos, de prazer, de afeto, de poder. A proposta da presente reflexão intentar elaborar algumas considerações a respeito da comida, da alimentação e hábitos alimentares, e suas intersecções com a sexualidade. Consequentemente com as relações de gênero. Na alimentação e na sexualidade se materializam as relações e as organizações humanas. Ambas estão, por sua vez, carregadas de uma linguagem erótica. Do ponto de vista teológico, a ideia da comensalidade, o prazer da comida e da sexualidade podem expressar considerações distintas e opostas. Na maioria das vezes, o “comer” recebe reprovação como pecado humano, pois prazer corporal, da entrega às paixões materiais. Por meio de uma leitura crítica, de suspeita, descobriremos com certa facilidade que, pelo contrário, a tradição cristã se funda na ideia de comer juntos (comensalidade). Aliás, come-se o próprio Cristo. Estas considerações podem desvelar os sentidos ocultos do comer hoje. Ou ainda, questionar os lugares, definições e regras que determinam o que é o como comer na atualidade.

Palavras-chave: Comer. Alimentação. Sexualidade. Gênero.

Abstract

The expression eat in the Portuguese language has many meanings. Eating can refer to ingest food, more in the cultural sense of taste, to appreciate a good recipe or good dish. Further, eating also relates to sexual intercourse. In this regard, eating is much more comprehensive way than a purely physiological issue. Eating is loaded meanings, intentions, behaviors, desires, pleasure, affection, power. The purpose of this reflection elaborate bring

¹ *Doutorando em teologia - PPG/Faculdades EST. Bolsista CAPES. Williankaizer72@hotmail.com*

some considerations about food, nutrition and eating habits, and their intersections with sexuality. Consequently with gender relations. In alimentation and sexuality materialize relations and human organizations. Both are, in turn, loaded with an erotic language. From a theological point of view, the idea of eating together, the pleasure of food and sexuality can express different and opposing considerations. Most of the time, "to eat" gets reprobation as a sin, for it is bodily pleasure, delivery to material passions. Through a critical reading of suspicion, we find quite easily on the contrary, the Christian tradition is founded on the idea of eating together (commensality). In fact, eats up the Christ. These considerations can reveal the hidden meanings of eating today. Or even question the places, definitions and rules that determine what is like and eating today.

Keywords: [Eat. Alimentation. Sexuality. Gender.]

Considerações Iniciais

A expressão comer na língua portuguesa tem significados polissômicos. Comer pode se referir a ingerir o alimento, mais no sentido cultural de degustar, de apreciar uma boa receita ou bom prato. E ainda, comer também se refere ao ato sexual. Neste sentido, comer tem sentidos muito mais abrangentes do que uma questão puramente fisiológica. Comer está carregado de sentidos, de intenções, de comportamentos, de desejos, de prazer, de afeto, de poder.

A etimologia do termo é incerta. Muitos atribuem à ideia de “comer em comum”. De todo modo, demonstra que as sociedades mais antigas, e também atualmente, atribuem uma dimensão coletiva da refeição. A palavra comer é oriunda da palavra latina *edere*, como ato de ingestão em si. Com o prefixo cum em sua forma *cumedere*, significa “comer em companhia”. Tanto a linguagem como a comida necessitam de mais de uma pessoa, necessitam de um emissor e um receptor, necessita de um alguém que esteja do outro lado. Um universo simbólico de grande riqueza, que configuraria a mesa como metáfora da vida humana. Isso é reforçado pela etimologia de “convívio” (*cum – vivere*) que identifica viver junto com comer junto. Comer junto converge uma série de significados como partilha de alimentos, mas também delimita por meio de comportamentos e práticas ritualísticas a pertença a um grupo social. Apresenta um cabedal de sinais de barreiras sociais, bem como a impossibilidade de infringi-las.²

Acontece que o exemplo do comer e a busca pelo seu sentido original nos fornece um excelente argumento para mostrar que o(s) sentido(s) das palavras não é devido a sua

² MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008. p. 157.

origem – por algo que havia num passado perdido que pode ser recuperado, mas está muito mais ligado aos seus empregos no cotidiano atual. Quando se apela para a história da palavra para defender um dos seus sentidos, o que se faz é um jogo retórico, cujo valor é o valor que tem o jogo retórico, que pode ser muito grande. Ainda assim, não se fornece nenhuma garantia de que o sentido da palavra é o que se diz que é. Se constitui, portanto, eivado de significados.

O exemplo do comer na língua portuguesa tem justamente esta pluralidade de significados e de empregos de sentido. Ao se estudar alimentação e cultura pode-se perceber que comer em português brasileiro tem uma ampliação de sentido bastante peculiar e própria. Somos herdeiros de um encontro linguístico e culinário (cultural) nem sempre de absorção pura e simples, mas entremeado de conflitos, aproximações e afastamentos, resistências e apropriações que deram a ideia de comer multiplicidade de sentidos. De forma exploratória intentamos refletir sobre três aspectos do comer. Neste transcurso, a reflexão de gênero será apresentada como um olhar e um pressuposto determinante para se compreender tais sentidos: comer a comida; comer alguém e comer os/as outros/as e sua cultura.

Comer comida

Como já apresentado inicialmente comer tem como sentido primordial a necessidade fisiológica e também construção cultural, que se constitui a partir da elaboração dos gostos e dos hábitos alimentares. Alimentar-se, ou comer em linguagem popular, é muito mais do que uma necessidade biológica do ser humano. Diferente do respirar, por exemplo, o ato de comer envolve a capacidade humana de se comunicar e de ser organizar em grupo. Para os seres humanos, alimentar-se nunca é uma atividade puramente biológica, pois ela tem relação com o passado, com as diversas técnicas empregadas para encontrar, processar, preparar, servir e consumir os alimentos. Essas atividades variam culturalmente e têm histórias próprias, condicionadas pelo significado que a coletividade lhes atribui.³ O

³ PACHECO, Sandra Simone Morais. O hábito alimentar enquanto um comportamento culturalmente produzido. In: FREITAS, Maria do Carmo Soares de; FONTES, Gardênia Abreu Vieira; OLIVEIRA, Nilce de (Orgs). *Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura*. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 217-238, à p. 219. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/161/Escritas%20e%20narrativas%20sobre%20alimentacao%20e%20cultura.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 25 mai. 2014.

historiador social Henrique S. Carneiro define bem o significado cultural do ato de se alimentar

A fome biológica distingue-se dos apetites, expressões dos variáveis desejos humanos e cuja satisfação não obedece apenas ao curto trajeto que vai do prato à boca, mas se materializa em hábitos, costumes, rituais, etiquetas. [...] O que se come é tão importante quanto quando se come, onde se come e com quem se come.⁴

Dessa maneira, pode-se afirmar que os hábitos alimentares são construções culturais e sociais dos grupos humanos. E continuando esta comparação/distinção entre alimentação como ato biológico e como construção cultural, pode-se considerar pela ótica da evolução biológica que a alimentação é uma forma de adaptação ao meio para a sobrevivência humana. O ser humano como qualquer outro animal procura se adaptar às condições ambientais onde vive para manter sua espécie. Sem dúvida, a alimentação é a forma predominante pela qual todo e qualquer animal encontra meios para sobreviver. A diferença do ser humano para os outros animais é que a necessidade de se alimentar para manter-se vivo exige que ele saia ao mundo e localize o alimento, e para capturá-lo use bem mais do que o extinto natural dos animais; recorre a um cabedal de informações e formas de comportamentos prévios que lhe permite interagir de diferentes maneiras com o meio, bem como, a capacidade de escolher o que come e como come. Ainda mais, o ser humano ambiciona criar seu próprio alimento, sobrepõe a atividade de produção à de predação.⁵ O exemplo mais evidente disso é a designação do ser humano como ser onívoro. A capacidade de comer de tudo implica também numa grande classificação dos alimentos. Para Claude Fischler

A variedade de escolhas alimentares humanas procede, sem dúvida, em grande parte da variedade de sistemas culturais: se nós não consumimos tudo o que é biologicamente ingerível, é por que tudo o que é biologicamente ingerível não é culturalmente comestível.⁶

Essa capacidade humana de classificar e dar significado ao alimento é bem definida pela frase do antropólogo Claude Lévi-Strauss: “o alimento deve ser não só bon à manger

⁴ CARNEIRO, H. *Comida e sociedade: uma história da alimentação*. Rio de Janeiro: Campus, 2003. p. 1s.

⁵ MONTANARI, 2008, p. 16s.

⁶ FISCHLER, Claude apud MACIEL, Maria Eunice. Cultura e alimentação ou o que têm a ver os macaquinhos de Koshima com Brillat-Savarin? In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 7, no. 16, dezembro de 2001, p. 145-156, À p. 147. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v7n16/v7n16a08.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2010. [a autora não cita a página do livro de C. Fischler da qual fez a citação].

mas também bon à penser: isto é, não só biológica, mas também culturalmente comestível”.⁷ A partir dessa ideia entende-se que o ser humano não come qualquer coisa, mas seleciona o que come. A escolha dos alimentos segue critérios ligados tanto à dimensão econômica e nutricional quanto aos valores simbólicos que a própria comida se reveste. Com tais percepções pode-se considerar que “a comida se apresenta como elemento decisivo da identidade humana e como um dos mais eficazes instrumentos para comunicá-la”.⁸

Neste sentido, a construção cultural da identidade dos grupos humanos está intensamente ligada aos hábitos alimentares. Na alimentação humana se materializa a estrutura da sociedade, e por meio dela se atualiza a interação do ser humano organizado em sociedade com o meio ambiente, bem como as representações socioculturais (crenças, normas, valores). Todas essas formas de construção de representações e interações socioculturais compõem e dão significado às ações sociais dos indivíduos que têm em comum a mesma cultura. “A abstração conceitual da cultura se concretiza no prato”.⁹ Dessa maneira, que nas sociedades atuais, perpassada pela representação simbólica, a escolha da alimentação representa o status social do indivíduo, e o conjunto geral das escolhas e significados culturais dos alimentos consumidos e das formas de preparo dos alimentos – a culinária ou cozinha – designa ou expressa a identidade do grupo social, bem como elucida e expressão como se dão a relação entre homens e mulheres.

Comer alguém: algumas perspectivas sobre relações de gênero

Comer se refere à forma pela qual, geralmente, os homens falam das relações sexuais. No Brasil, como em qualquer outro lugar do ocidente, as experiências sexuais são mais amplas e disponíveis para homens do que se comparada às das mulheres. A constituição histórica de nossa cultura exerceu e ainda marca profundamente a forma como as relações sexuais acontecem distintamente entre homens e mulheres. Isto é evidenciado por análises de termos linguísticos usados no dia-a-dia: uma distinção especial emergiu entre a atividade masculina e a passividade feminina, na qual a sexualidade feminina está

⁷ O BRASIL VAI à mesa. *Superinteressante*, ano 5, no. 6, junho, 1991, p. 22-35. Disponível em: <http://super.abril.com.br/superarquivo/1991/conteudo_112596.shtml>. Acesso em: 2 jun. 2015.

⁸ MONTANARI, 2008, p. 16.

⁹ MILLÁN apud MACIEL, Maria Eunice; MENASCHE, Renata. Alimentação e cultura, identidade e cidadania. Você tem fome de quê? In: *Democracia Viva*. vol. 16, p. 3-7, Rio de Janeiro: Ibase, mai-jun 2003. p. 4. Disponível em: <www6.ufrgs.br/pgdr/arquivos/437.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2015.

sujeita ao desejo masculino. Isto conduziu a produção de linguagens distintas para a sexualidade. Aqui o termo comer tem um sentido próprio na cultura brasileira.

De acordo com Parker, tal distinção está refletida na linguagem diária que os brasileiros usam para descrever as relações sexuais, na qual o papel do macho é o de “comer” e o papel da fêmea é o de “dar”. No universo sexual brasileiro, “comer” é sinônimo de vencer e possuir. Tal vocabulário de significantes sexuais é indicativo de que as mulheres são socializadas para serem passivas, parceiras sexuais receptivas, enquanto que os homens são socializados para perseguir, penetrar e dominar. Mesmo que haja alguma universalidade cultural do machismo, a cultura brasileira provavelmente construirá as especificidades diferentemente.¹⁰

Comer pessoas na acepção sexual do termo é uma expressão peculiar do machismo. No Brasil, na América Latina também, o macho continua a exercitar a sua virilidade mesmo mantendo relações sexuais com indivíduo feminino. Em outras palavras, desde que o homem mantenha sua atividade sexual como pessoa ativa ou penetrador, não o penetrado), ele não pode ser visto como gay. Aliás, as formas como ocorre a iniciação sexual dos adolescentes machos tem uma relação com o nosso passado. Nesta perspectiva, Gilberto Freyre ao analisar a sexualidade na “Casa grande & senzala” mostra que a iniciação sexual dos meninos se dava da mesma maneira como os colonizadores portugueses fizeram com as índias e como estas práticas se estabeleceram com a escravidão negra. O estupro é a primeira experiência sexual do macho português nas américas. Neste contexto,

Foram sexualidades exaltadas a dos dois povos que primeiro se encontraram nesta parte da América; o português e a mulher indígena. Contra a ideia geral de que a lubricidade maior comunicou-a ao brasileiro o africano, parece-nos que foi precisamente este, dos três elementos que se juntaram para formar o Brasil, o mais fracamente sexual; e o mais libidinoso, o português.¹¹

Resultado direto das relações de poder e da exploração econômica que marcaram a vida colonial é, para Gilberto Freyre, a frouxidão moral e pelo excesso sexual do brasileiro homem. Longe de ser relacionado à mestiçagem com a escravidão negra, o caráter extremamente sexualizado não era produto da miscigenação em si, mas muito mais do contexto social e das relações de gênero que havia na vida colônia. Aquilo que Gilberto Freyre chama de depravação sexual tão comum no regime de escravidão do sul dos EUA como no Brasil é caracterizado como a “sifilização” tanto da casa grande como da senzala.

¹⁰ SOUZA, Eros De et al. A Construção Social dos Papéis Sexuais Femininos. In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2000, vol. 13, no. 3, p. 485-496, 2000. p. 491.

¹¹ FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 171.

O intercurso sexual entre o conquistador europeu e a mulher índia não foi apenas perturbado pela sífilis e por doenças européias de fácil contágio venéreo: verificou-se - o que depois se tomaria extensivo às relações dos senhores com as escravas negras - em circunstâncias desfavoráveis à mulher. Uma espécie de sadismo do branco e de masoquismo da índia ou da negra terá predominado nas relações sexuais como nas sociais do europeu com as mulheres das raças submetidas ao seu domínio. O furor femeeiro do português se terá exercido sobre vítimas nem sempre confraternizantes no gozo; ainda que se saiba de casos de pura confraternização do sadismo do conquistador branco com o masoquismo da mulher indígena ou da negra. Isso quanto ao sadismo de homem para mulher - não raro precedido pelo de senhor para muleque. Através da submissão do muleque, seu companheiro de brinquedos e expressivamente chamado leva-pancadas, iniciou-se muitas vezes o menino branco no amor físico.¹²

A iniciação sexual dos meninos na intimidade dos engenhos era feita pelas negras escravas. Gilberto Freyre procura desmitificar a ideia de que a afeição sexual dos senhores de engenho ocorre por causa da sua suposta propensão ao sexo. A lascívia masculina é antes resultado de uma misoginia exacerbada que se refletia na condução da iniciação sexual dos meninos com as negras, no “leva-pancadas” (um menino mais fraco ou mesmo negro escravo). E ainda pelo uso de animais como vacas, galinhas e cabras; e mesmo com a utilização de bananeiras, melancia, a fruta do mandacaru. Este excesso de sexualidade masculina perdurou no âmbito rural de forma duradoura e se reflete na sexualidade masculina. Isto é tão marcante na cultura patriarcal brasileira que a necessidade sexual do homem precisa ser provada constantemente. A violência sexual foi reproduzida no ambiente familiar num campo de ação extremamente opressor. Poderíamos dizer que se apresenta ainda hoje nas mais variadas formas de violência patriarcais: violência doméstica, violência sexual, assédio, homofobia...¹³

Com isto, a forte associação de comer ao ato sexual produz adaptações linguísticas como a de comer fato que ocorre não apenas no Brasil, mas que aqui parece ser ter valor peculiar. Um exemplo é o da tradução do livro de Roy Lewis “What we did to father”, que em francês chamou-se “pour quoi j' ai mangé mom père”, ao ser traduzido para o português, no Brasil, virou “Por que eu almocei meu pai”. O sentido literal levaria, inevitavelmente, a uma associação sexual.¹⁴

¹² FREYRE, 2000, p. 121s.

¹³ LOPES, Moisés Alessandro de Souza. “Intoxicação sexual” do novo mundo: sexualidade e permissividade no livro Casa-grande & Senzala. In: *Revista Mediações*, vol. 8, no. 2, p. 171-189, jul/dez. 2003. p. 181s.

¹⁴ MACIEL, Maria Eunice. Cultura e alimentação ou o que têm a ver os macaquinhos de Koshima com Brillat-Savarin? In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 7, no. 16, dezembro de 2001, p. 145-156, À p. 147. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v7n16/v7n16a08.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2015.

Deste modo, a ideia de comer alguém tem forte conotação patriarcal. Estabelece bem mais que uma relação sexual aparentemente inofensiva. Antes, revelam como, na cultura patriarcal brasileira, em sua própria linguagem apresentou-se a mulher como objeto, destituída de poder sobre seu próprio corpo. A mulher é equiparada ao alimento que simplesmente é ingerido pelo macho e sua estrutura de poder. Esta concepção do comer coaduna-se fortemente com as reflexões da famosa feminista do século XX Simone de Beauvoir. A autora questiona a forma como a psicologia tradicional interpretou a sexualidade feminina, como um dado. Isto ainda é reflexo de como a sexualidade feminina existe em função do homem.

A idéia de uma “libido passiva” desnorteia porque se definiu a libido a partir do macho como impulso, energia; mas não se conceberia tampouco a priori que uma luz pudesse ser a um tempo amarela e azul: é preciso ter a intuição do verde. Limitar-se-ia ainda mais a realidade, se em lugar de definir a libido em termos vagos de energia, se confundisse a significação da sexualidade com outras atitudes humanas: pegar, captar, comer, fazer, suportar etc; porque ela é um dos modos singulares de apreender um objeto; fora preciso estudar também as qualidades do objeto erótico tal qual se apresenta não apenas no ato sexual mas ainda na percepção em geral.¹⁵

Deste modo, se se concebe a relação da ideia de comer sexualmente como um ato de tomar posse do/a “outro/a”, como objeto urge-se a necessidade de desconstruir a linguagem erótica emasculada de referir à cópula. Realçar o comer como um ato arraigado em nossa cultura que tem outros significados para além desta conotação androgênica.

Comer @s outr@s e suas ideias

Comer também pode tem outros sentidos mais positivos. Aqui nos referimos a comer em sentido antropofágico. Uma referência ao Oswald de Andrade, em que a prática antropofágica é uma ação positiva e peculiar da cultura brasileira, inspirada no universo cultural indígena, de devorar o colonizador, a sua cultura e degluti-lo de acordo com os interesses do colonizado. Muito evidente na perspectiva de Oswald de Andrade é que a transformação digestiva entre modernidade e cultura indígena e mestiça brasileira resulta num matriarcado.¹⁶

É o que se chama de antropofagia sob o signo da divergência e da alteridade. A Antropofagia foi e é um movimento que intenta incorporar os saberes do/a outro/a, do/a

¹⁵ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949. p. 70.

¹⁶ ANDRADE, Oswald de. *Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1970.

colonizador/a, sob o signo da divergência e da alteridade. As maneiras de se fazer isso é por meio da incorporação de pensamentos e costumes divergentes, da valorização dos/as marginalizados/as, dos/as colonizados. Estes/as são simbolizado/as preferencialmente pelos/as indígenas. O que se extrai deste encontro erige-se “como paradigma de um padrão cultural no qual a identidade oposta ao branco europeu seria contraposta à cultura europeia para absorvê-la a partir do confronto”.¹⁷

Estabele-se uma relação entre permanência e ruptura. Com isso, a superação dialética da contradição entre cultura intelectual e cultura popular por meio da resistência e da absorção: a) método poético-filosófico de tradução e incorporação da cultura popular ao pensamento artístico; b) introduzir a cultura intelectual à vida do povo (“Um dia a massa ainda comerá o biscoito fino que eu fabrico”); c) a utopia de um matriarcado como resultado da união entre a cultura indígena e antropófaga com os avanços da indústria e da modernidade.¹⁸

A proposta da antropofagia é a de superar o patriarcado, a imposição rígida e dualista sobre os corpos e a sexualidade indígena. Por isso, a obra de Oswald de Andrade se refere com tanta importância aos estudos de Freud e os relaciona com a superação das violências e opressões que o patriarcado cristão ergue sobre os corpos dos/as oprimidos/as, de igual modo sobre o corpo das mulheres. Desta maneira, o comer em sentido antropofágico concatena uma postura cultural e intelectual de resistência e absorção ao conhecimento e cultura do opressor. Comer aqui ganha um contorno prático daquilo fez e faz a cultura brasileiro por meio da culinária, por exemplo, com as receitas estrangeiras. As comidas de outros povos são incorporadas à nossa cozinha popular de modo a transformá-la ao nosso gosto. Gilberto Freyre demonstrou isso nos seus estudos sobre o doce brasileiro, adaptados às preferências brasileiras pelo sabor adocicado; o que transformou o doce brasileiro no mais doce do mundo.¹⁹ |

Considerações Finais

¹⁷ SOUZA, Ricardo Luiz de. Ruptura e incorporação: a utopia antropofágica de Oswald de Andrade. In: *Revista Scripta*, vol. 11, no. 20, p. 113-126, 2007. p. 117.

¹⁸ SOUZA, 2007, p. 116.

¹⁹ FREYRE, Gilberto. *Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do nordeste do Brasil*. 5ª Ed. São Paulo: Global, 2007.

A relação com a comida é uma relação de prazer. Comer é uma forma do ser humano experimentar o prazer. E esta relação “carnal” que se estabelece com a comida foi e é condenada pela tradição cristã. O prazer pelo comer e a sexualidade tem uma proximidade carnal que levaria as pessoas ao pecado. A tradição ocidental marcada pela história da criação, onde se interpretou que Eva foi a responsável pelo fruto proibido. Causa da tentação do homem deveria ser submissa. O movimento feminista e, especialmente, a teologia feminista se dedicaram e ainda se dedicam a desconstruir estas interpretações e o patriarcado que se funda com a submissão da mulher.

Atualmente, as bulimias, anorexias e controle rígido sobre o que comer revela também que a mulher deve se conter para com os desejos. Sendo que ao homem é permitido aventurar-se nos prazeres de comer os alimentos sem a preocupação com a culpa do peso. Aí novamente se pode estabelecer paralelos entre a sexualidade e a comensalidade. Em ambos, a repressão sobre os desejos recai sobre os corpos das mulheres. Desta maneira também, a relação entre a comida e a mulher se firma como uma associação que se consolidou de forma duradoura o entendimento de que o papel da mulher é com as coisas do lar. Cozinhar seria um atributo feminino. O exercício de cozinhar pode servir para empoderar como também para relegar um papel de segundo plano. Isso quando a cozinha é considerada um espaço das coisas menos importantes da cultura, enquanto que a sala é aonde acontece as coisas realmente importantes, a política. E a sala seria o lugar dos homens.

Nesta direção, o conhecimento e os saberes produzidos na cozinha podem ser valorizados pela reflexão acadêmica, teológica, na medida em que souber preparar melhor receitas. Como diz Rubem Alves, a teologia precisaria ser mais vezes feita na cozinha. O comer e o pensar como digerir, devorar os/as outros/as, suas ideias e reflexões num exercício prazeroso, carnal, de experimentar o conhecimento como saborear a arte da culinária.²⁰

Comer e o pensar em correlação são muito bem definidos pelo texto poético da autora chilena Isabel Allende:

Apetito y sexo son los grandes motores de la historia, preservan y propagan la especie, rovocan guerras y canciones, influyen em las religiones, la ley y el arte. La

²⁰ ALVES, Rubem. *O caqui e a história da visita a Bréscia*. Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/169/artigo234950-1.asp>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

creación entera es un processo ininterrumpido de digestión y fertilidad; todo se reduce a organismos devorándose unos a otros, reproduciéndose, muriendo, fertilizando la tierra y renaciendo transformados. Sangre, semen, sudor, ceniza, lágrimas y la incurable imaginación poética de la humanidad buscando significado...²¹

Referências

ALVES, Rubem. *O caqui e a história da visita a Bréscia*. Disponível em:

<<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/169/artigo234950-1.asp>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

ANDRADE, Oswald de. *Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1970.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

CARNEIRO, H. *Comida e sociedade: uma história da alimentação*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

FISCHLER, Claude apud MACIEL, Maria Eunice. Cultura e alimentação ou o que têm a ver os macaquinhos de Koshima com Brillat-Savarin? In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 7, no. 16, dezembro de 2001, p. 145-156. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v7n16/v7n16a08.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2010.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. *Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do nordeste do Brasil*. 5ª Ed. São Paulo: Global, 2007.

LOPES, Moisés Alessandro de Souza. “Intoxicação sexual” do novo mundo: sexualidade e permissividade no livro Casa-grande & Senzala. In: *Revista Mediações*. vol. 8, no. 2, p. 171-189, jul/dez 2003.

MACIEL, Maria Eunice. Cultura e alimentação ou o que têm a ver os macaquinhos de Koshima com Brillat-Savarin? In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 7, no. 16, dezembro de 2001, p. 145-156. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v7n16/v7n16a08.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2015.

MILLÁN apud MACIEL, Maria Eunice; MENASCHE, Renata. Alimentação e cultura, identidade e cidadania. Você tem fome de quê? In: *Democracia Viva*. vol. 16, p. 3-7, Rio de Janeiro: Ibase, mai-jun 2003. p. 4. Disponível em: <www6.ufrgs.br/pgdr/arquivos/437.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2015.

²¹ ALLENDE, Isabel. *Afrodita: Cuentos, Recetas y Otros Afrodisiacos*. Santiago: Plaza & Janes Editores. p. 207.

MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

O BRASIL VAI à mesa. *Superinteressante*, ano 5, no. 6, junho, 1991, p. 22-35. Disponível em: <http://super.abril.com.br/superarquivo/1991/conteudo_112596.shtml>. Acesso em: 2 jun. 2015.

PACHECO, Sandra Simone Morais. O hábito alimentar enquanto um comportamento culturalmente produzido. In: FREITAS, Maria do Carmo Soares de; FONTES, Gardênia Abreu Vieira; OLIVEIRA, Nilce de (Orgs). *Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura*. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 217-238,. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/161/Escritas%20e%20narrativas%20sobre%20alimentacao%20e%20cultura.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 25 mai. 2014.

SOUZA, Eros De et al. A Construção Social dos Papéis Sexuais Femininos. In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2000, vol. 13, no. 3, p. 485-496, 2000.

SOUZA, Ricardo Luiz de. *Ruptura e incorporação: a utopia antropofágica de Oswald de Andrade*. Revista Scripta, vol. 11, no. 20, p.113-126, 2007.